

UMA ANÁLISE DO SER HUMANO ENTRE A LINGUAGEM CIENTÍFICA E MÍTICA

Vitor Kirchner Fiorin*
Adriano Tadeu Ulbrich**

Resumo: A linguagem mitológica e, por isso, simbólica possibilitou ao ser humano desenvolver aquilo que se conhece por antropologia que, importa notar, caracteriza o estudo do homem pelo próprio homem. Desta forma, aquilo que a filosofia e a ciência como um todo desenvolveram ao longo dos séculos, tal como possíveis respostas à pergunta 'O que afinal é o homem?', representa um aprofundamento e desenvolvimento daquilo que o homem já havia pensado a respeito de si mesmo. Porém, assim o tinha pensado de forma simbólica. O homem, como ser simbólico, pensa a si mesmo desta forma, visto que não consegue definir-se totalmente. Por isso, qualquer esforço que busque uma definição totalizadora do humano se demonstra falho, visto que ao olhar para si mesmo o homem percebe-se, como um todo, apenas significável e não definível.

Palavras-chave: Mitológico. Simbólico. Humano. Antropológico.

AN ANALYSIS OF THE HUMAN BEING BETWEEN SCIENTIFIC AND MYTHICAL LANGUAGE

Abstract: The mythological language and, therefore, symbolic enabled the human being develop what is known by 'anthropology', which, must be remarked, is described by the study of man by man himself. In this way, what philosophy and science as a whole have developed over the centuries, as well as possible answers to the question 'What is man after all?', represents a further development of what man had already thought about himself. But, had thought in a symbolical manner. The man, as a symbolic being, thinks of himself in this way, since he cannot fully define himself.

* O autor do artigo é acadêmico do curso de filosofia. Faculdade Palotina (FAPAS). Santa Maria - RS. E-mail: vitorkfiorin@outlook.com

** O coautor do artigo é acadêmico do curso de filosofia. Faculdade Palotina (FAPAS). Santa Maria - RS. E-mail: adrianotad05@gmail.com

Therefore, any effort that seeks a totalizing definition of the human proves to be flawed, since when looking at himself, man perceives himself, as a whole, only signifiable and not definable.

Keywords: Mythological. Symbolic. Human. Anthropology.

Considerações iniciais

As discussões suscitadas pelos fenômenos sociais modernos, a referir do século XXI, parecem constantemente contornar o mesmo sujeito e apresentar como semelhantes os questionamentos sobre o humano. Convém reconhecer que os caracteres heterogêneos das condições históricas, sociais e culturais permitiram a composição de plurais concepções à natureza do homem. Assim sendo, as condições de gênese para muitos conceitos, depositados sobre a figura humana, não se encontram nas estruturas exteriores ao ser; mas antes se desprendem da própria atividade questionadora promovida pelo sujeito. Embora aceite as descrições e asserções confirmadas sobre sua natureza, resultados objetivos assegurados pelo saber científico, o homem não deixa de reservar-se ao periódico questionamento de si mesmo.

O propósito desta pesquisa se funda sobre a valorização de uma linguagem mítica visto que o humano pode ser nomeado¹ e referenciado por distintas manifestações de ordem cultural, necessariamente, formalizadas pela linguagem, sendo que tais manifestações se apresentam como esforços legítimos e profundos ao significar o homem. Ainda que algumas das definições apresentadas sobre o homem sejam recentes e mantidas pela notável originalidade de seus pressupostos, convém apontar

¹ Trata-se de uma nomeação não unívoca da condição humana; por exemplo, existem recursos utilizados pela própria linguagem e que prescindem do fundamento científico criteriosamente objetivo, verificável e empírico. Nesta investigação, buscar-se-á destacar o elemento mítico como composição significativa à referência do humano.

que serão sempre enunciados da própria racionalidade, por sua vez, a perscrutadora do mundo natural.

Nesse âmbito, a ciência parece dispensar da utilização de princípios assegurados por uma realidade divina, porque antes recorre a elementos associados à objetividade. Por sua vez, ela estabelece como critério a experimentação como a garantia de descrições seguras sobre a realidade. Torna-se evidente que a atividade científica se gere por uma análise racional. Contudo, os seus esforços parecem restritos a uma investigação de caráter comprobatório, isto é, direcionados na intenção de afirmar um conhecimento. Dessa forma, a realidade objetiva, suscetível ao exame da razão, parece ser *reduzida* segundo exigências de uma prática científica para que se nomeie como objeto verificável.

De outro modo, a presente pesquisa indicará que o esforço intelectual humano não se reduz a essas demarcações, a dizer, de uma relação determinada entre sujeito e objeto. Assim posto, admite-se o pensamento mítico² como recurso preciso à compreensão da natureza e da condição humana. Nestas considerações, o presente estudo também discutirá algumas contribuições de viés antropológico legadas, sobretudo, pelo período clássico filosófico³. Nesta mesma perspectiva, confirma-se a orientação pela qual se compromete esta investigação; a dizer de um estudo sobre o humano. Assim sendo, as observações desenvolvidas, sob um parâmetro filosófico, preservarão o compromisso de favorecer o questionamento e a reflexão. A partir dessas indicações, estabelece-se a validade deste estudo ao extenso campo de discussões promovidas pelo estudo antropológico. Pensa-se que as considerações depositadas sobre

² Completa mencionar as elaborações mitológicas de algumas culturas antigas, assim empregadas na tentativa de justificar crenças coletivas.

³ Apresentar definições do homem, apesar de serem demonstradas algumas provindas da mitologia e da filosofia, não é o objetivo central deste artigo. Tais definições que serão apresentadas posteriormente, no entanto, possibilitam compreendermos que é sobre o olhar abrangente da mitologia que mais tarde o homem pensa a si mesmo, tanto filosoficamente quanto cientificamente.

essa pesquisa se associam a questionamentos necessários ao autêntico exercício filosófico.

1 O recurso da narrativa mitológica

A visão antropológica arcaica dos gregos inicia, através da mitologia, sua reflexão através da natureza humana e das forças que a subjagam. Utilizando-se de narrativas líricas e poéticas e recorrendo a realidade metafísica-religiosa, os gregos puderam suscitar uma investigação onde o homem é ao mesmo tempo, investigador e investigado. Daí surge a necessidade do estudo e da análise das tragédias e da mitologia grega, pois elas permitem uma visão basilar da antropologia ocidental visto que estas conseguiram destacar uma profusão de traços humanos a respeito de seus anseios, fraquezas e impulsos.

As cidades-estados, naquele contexto⁴, eram governadas por aristocracias guerreiras e por isso, não à toa, os poemas líricos e o teatro destacavam a heroicidade dos guerreiros como a mais alta elevação da natureza humana, imortalizando-os através de suas histórias épicas. O que depois os filósofos clássicos como Aristóteles vão desenvolver no conceito de *areté*⁵, a poesia e mitologia arcaica já vinha desenvolvendo na heroicidade épica. Vários são os exemplos que podem ser usados, vale destacar, porém, trechos do diálogo entre Meriones e Idomedeu durante a batalha entre aqueus e troianos onde se salienta a coragem e bravura necessária para aqueles que lutam na guerra, e o quanto estas dignificam o homem. “Luto entre os primeiros na batalha que enobrece os homens”

⁴ Por volta dos séculos IX à VII a.C.

⁵ Traduzido como virtude.

(HOMERO, [195-?], p. 225). No mesmo diálogo Idomedeu ressalta a vileza da covardia e a honra da valentia:

pois a cor do covarde está sempre mudando e o espírito em seu peito não lhe permite ficar sentado imóvel, e ele fica irrequieto, ora se firmando em um pé, ora em outro, e seu coração bate ruidosamente no peito, quando ele pensa em seu destino, e os dentes começam a bater uns contra os outros, enquanto a cor do valente não muda, nem ele fica muito amedrontado quando ocupa lugar no meio da emboscada de heróis e almeja em breve estar participando do combate encarniçado e feroz, teus fortes braços não seriam passíveis de censura. E se fosses atingido ou ferido em combate a seta não se cravaria em tua nuca ou em tuas costas, mas sim em teu peito ou em teu ventre⁶ (HOMERO, [195-?], p. 225).

Ao mesmo tempo em que tal mitologia idealizava nos heróis guerreiros a mais alta perfeição humana, evidenciava da mesma forma a sua fraqueza, condenando o orgulho e arrogância do homem que pensava estar acima da sua natureza mortal. De fato, as tragédias gregas muito contribuem para isto, ressaltam a morbidez e a fraqueza humana perante seu destino inevitável: a morte. Surge, desta forma, o conceito de *hybris*, que é justamente essa presunção humana em querer igualar-se aos deuses, um descaso pelo próximo e pela divindade o qual era punido pelo Olimpo; e tendo até uma deusa que representasse justamente essa vingança divina, a deusa Nêmesis. Esta deusa é, segundo a tradição mitológica, a que se aliou a Afrodite para castigar Narciso por ele ter ferido o coração de muitas mulheres. A mesma deusa que perante a insolência persa, de achar que a batalha já estava ganha devido ao seu grande número de soldados, encorajou os soldados Atenienses na batalha de Maratona. Tal castigo divino recaía até mesmo aos heróis que se ensoberbecessem devido sua grande força. É o que aconteceu com

⁶ Aquele que morre ferido nas costas era desprezado pois, provavelmente, em um ato de covardia estava fugindo da batalha.

Belerofonte, outra história mítica. Este que, tendo sido enviado para missões praticamente suicidas por Ióbades⁷, teve de enfrentar a Quimera, o rei Solimos, as Amazonas e os melhores guerreiros da Lícia, porém obteve êxito em todos esses desafios que eram considerados impossíveis. Aconteceu que Belerofonte tornou-se orgulhoso devido seus grandes feitos, querendo então morar no Olimpo juntos dos deuses, por isso alça voo em direção a tal com seu Pégaso⁸. Zeus, notando sua soberba o castiga, fazendo que o Pégaso fosse picado por uma vespa e Belerofonte caísse. Após isto, Belerofonte passou o resto da vida na indigência. Neste ponto, demonstra-se o exemplo perfeito da *hybris* divina perante o homem que quer estar acima da pequenez, esta que marca a sua própria natureza.

Deve o homem, portanto, reconhecer sua pequenez, mas também se elevar na heroicidade, esta, porém, que não o faz ascender a um patamar superior ao humano. A descrita heroicidade não faz o homem deixar de ser mortal e pequeno. Tal situação se manifesta na concepção das três deusas irmãs Moiras, que tecem a linha da vida do homem com auxílio da roda da Fortuna, já determinando o destino e as bençãos e infortúnios que terá durante a vida. O citado encargo de definir o destino dos homens, às vezes, é atribuído às Moiras, deusas do destino, às vezes a Zeus. Na *Ilíada* de Homero é Zeus quem define o destino dos mortais. Nisto vemos a passagem em que Andrômaca⁹, depois da morte do marido lamenta:

Heitor, desgraçada que sou! Eis que nascemos para o mesmo destino [...]. Agora, que jazes junto aos recurvados navios, longe de teus pais, os vermes te devorarão, quando os cães te tiverem abandonado (HOMERO, [195-?], p. 387-388).

⁷ Que segundo a mitologia, queria que Belerofonte morresse.

⁸ Cavalo alado.

⁹ Esposa de Heitor.

Eis a agonizante sujeição do homem ao seu destino, que nada pode mudar. Heitor era temido pelos inimigos por causa de sua bravura e coragem, era admirado pelos concidadãos e família pelo seu valor e honra, como também, era querido pelos deuses por sempre prestar culto a eles, oferecendo sacrifícios e libações. Nenhuma dessas nobres ações e virtudes o desviaram do seu destino cruel de morrer pelas mãos de Aquiles. Aqui se apresenta a trágica fragilidade e pequenez do homem perante seu destino selado em sua própria natureza.

A mitologia, da mesma forma, demonstrou duas pulsões da natureza humana, divinizadas em Apolo e Dionísio, respectivamente, o deus do sol e da razão e o deus do vinho, da embriaguez e loucura. Afirma Lima Vaz que:

O apolíneo reflete o lado luminoso da visão grega do homem, a presença ordenadora do logos na vida humana, que a orienta para a claridade do pensar e do agir razoáveis. O dionisíaco traduz o lado obscuro ou terreno (ctônico)¹⁰, onde reinam as forças desencadeadas do *eros* ou do desejo e da paixão (VAZ, 1991, p. 29).

Na tragédia *As Bacantes*¹¹, Eurípedes retrata tal dimensão dionisíaca de forma dramática. Ágave e as outras mulheres de Tebas, tendo se retirado para a floresta para prestar culto a Dionísio, embriagam-se e estando insanas; quando chega Penteu vestido em peles para investigar o que estava acontecendo, matam este, pensando ser ele um leão, mutilam-no e o oferecem como sacrifício a Dionísio, colocando sua cabeça na ponta de um tirso¹². Voltando a cidade, Àgave, mãe de Penteu e com a cabeça deste na mão, num diálogo com Cadmo, recuperando a razão, se dá conta que carrega a cabeça de seu próprio filho e exclama: “A cabeça de Penteu eu seguro, ó desventurada!” (EURÍPEDES, p. 56).

¹⁰ Tal adjetivo refere-se aos deuses vinculados à terra e ao subterrâneo, enquanto outros eram vinculados ao Olimpo.

¹¹ Que significa ‘as adoradoras de Baco’, sendo que Baco é a tradução romana ao deus grego Dionísio.

¹² Bastão usado no culto a Dionísio.

Se demonstra, desta forma, o drama humano: ao mesmo tempo que é incendiado pelo fogo divino¹³ da razão e por isso capaz da *techné* (técnica), *sophrosyné* (sabedoria) e *areté* (virtude)¹⁴, é o mesmo que é guiado e inclinado por suas paixões e desejos. Há, no ser humano, uma dicotomia constante entre o ébrio e o sábio, entre os desejos libidinosos e os do conhecer.

A tragédia dos gregos possibilitou, da mesma forma, que fosse demonstrado a intrínseca dignidade humana que independe do mérito. *Antígona* de Sófocles, demonstra que há direitos fundamentais a todo ser humano. Antígona tendo seus dois irmãos mortos, Etéocles e Polinice, pois ambos lutavam pela sucessão do trono de Tebas¹⁵, fica arrasada mais ainda, pois Creonte, que acabara de tomar o trono da cidade, decide prestar os rituais fúnebres para Etéocles, considerando-o um herói para a cidade; enquanto isso, obriga que ninguém trate da ritualística fúnebre de Polinice, pois o considera traidor da cidade. Afirma Creonte: “Não é justo dar ao homem de bem tratamento igual ao do criminoso” (SÓFOCLES, 2005, p. 35). Antígona, não aceita as imposições de Creonte e sustenta o direito de seu irmão Polinice passar pelos rituais, pois só assim poderia ele chegar ao Hades¹⁶. A dignidade intrínseca à natureza da pessoa humana, para os gregos arcaicos, se dá num âmbito metafísico e religioso¹⁷, mas que marca a própria pessoa humana, pois é de ordem natural que aquele que morre, vá ao Hades. Tal tragédia demonstra que há um direito natural¹⁸ do homem. Antígona, mesmo jurada de morte por Creonte por desobedecê-lo, defende o direito de seu irmão passar pelos rituais: “nem eu creio que teu

¹³ Presente no conhecidíssimo mito de Prometeu.

¹⁴ Conceitos depois desenvolvidos pelos filósofos clássicos, como Aristóteles.

¹⁵ Que antes pertencia a Édipo, seu pai.

¹⁶ Reino dos mortos.

¹⁷ Leis divinas.

¹⁸ O direito natural ou jusnaturalismo é um conceito que será desenvolvido no século XVIII no âmbito jurídico.

édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis” (SÓFOCLES, 2005, p. 30).

Eis alguns traços do ser humano na mitologia desenvolvida pelos helenos: capaz da heroicidade; submetido a *hybris* divina e ao destino; marcado pela dicotomia da razão e do prazer; e atrelado a direitos divinos que lhe são inerentes devido sua natureza.

2 A visão clássica da natureza humana

O pensamento antropológico-filosófico clássico, tendo como base a mitologia e muitas vezes recorrendo a ela¹⁹, tem seu auge em Sócrates, Platão e Aristóteles. Eles explicarão a realidade humana de tal forma, que toda a tradição filosófica e religiosa ocidental se fundará em alguns aspectos pensados por eles. Entendê-los é entender as bases nas quais se fundam nossa cultura. Suas definições foram de tão grande importância que até hoje, dois mil e quinhentos anos depois, somos obrigados a recorrer a eles para pensar o homem atual.

Assim sendo, é, na verdade, pela sofística que temos primeiramente um pensar mais precisamente voltado ao homem. Com o advento dos sofistas na Grécia antiga, desdobra-se a expressão *zôon logikón*²⁰ referida ao homem, visto que esse é capaz da retórica e persuasão, atividades estas amplamente desenvolvidas pelos sofistas. Temos, desta forma, a primeira categorização do homem, como partícipe da natureza animal, porém que se diferencia desta, estando acima por não ser apenas um animal, mas ser um animal lógico. O único entre os animais que é capaz do discurso e

¹⁹ Basta notar as diversas referências que Platão faz a mitologia a respeito de *eros* para definir o amor no *Banquete*, da mesma forma as várias referências à Ilíada que Aristóteles faz na *Ética a Nicômaco*.

²⁰ Animal lógico.

pensamento complexo é o homem. Este fato de ser lógico, o dá uma certa primazia entre os demais animais, qualificando-o como superior.

É com Sócrates, porém, que a antropologia clássica começa seu grande desenvolvimento. Sócrates pensa o homem como portador de uma consciência racional interna²¹ que permite o desenvolvimento do autodomínio²² e da liberdade²³, fazendo com que o exercício da racionalidade domine a animalidade presente no homem, e, por isso segue-se a conclusão: o homem está acima do animal por sua racionalidade²⁴. Porém há um patamar ainda superior, que é o homem que domina seus impulsos animais, se desvinculando ainda mais da animalidade, este denomina-se sábio. Assim sendo, o pensamento socrático reinterpreta o preceito délfico ‘conhece-te a ti mesmo’ fomentando a necessidade no cuidado com a vida interior e sua investigação. Em contrapartida, apesar de ser necessário que o sábio tenha autodomínio e autoconhecimento, é necessário, da mesma forma uma humildade epistêmica de nunca se considerar sábio para assim não se fechar ao conhecimento. Por isso Sócrates, mesmo sendo considerado o mais sábio dentre os homens pelo oráculo de delfos, afirma: ‘Só sei que nada sei’.

Platão, por sua vez, pensa o homem numa tricotomia da alma: racional, irascível e concupiscível. Tendo o ser humano, três formas de ação, o pensar, a ira²⁵ e o desejo. Há, da mesma forma, as três virtudes correspondentes de cada parte da alma que podem ser desenvolvidas pela educação: a sabedoria²⁶, a coragem²⁷ e a moderação²⁸. Esta alma humana, para Platão, é imortal e no *Fédon* ele se utiliza do seguinte argumento: já

²¹ *Daimon*.

²² *Enkrateia*.

²³ *Eleiteria*.

²⁴ Isso já notamos no pensamento sofístico.

²⁵ Entendido aqui como ‘força’.

²⁶ Virtude relacionada ao pensar.

²⁷ Virtude relacionada a ira.

²⁸ Virtude relacionada ao desejo.

que as coisas não admitem contrários, como o frio e o quente no mesmo, a alma, sendo ela a vida que anima o corpo, não suporta a morte, pois não é possível a vida comportar a morte em si mesma (1972, p. 79-91). O ser humano na antropologia clássica, desta forma, além de estar acima dos animais pela sua racionalidade, é também semelhante aos deuses, devido sua imortalidade. O ser humano vai tomando traços que o caracterizam como 'algo entre o animal e o deus'. A antropologia platônica é por isso, marcada por uma dualidade entre alma e corpo que marcará a filosofia e religião ocidental.

Aristóteles, no entanto, associa o espírito ao corpo, tendo o espírito a necessidade do corpo para subsistir, portanto, a alma não é imortal. O ser humano aristotélico caracteriza-se também por ser político por natureza, por isso o *zôon logikón* dos sofistas, se define agora mais especificamente como *zôon politikón*²⁹. O homem, mais ainda que apenas racional, é um animal que estabelece relações e organização social. Um animal que, porque é lógico é que estabelece uma cadeia de vínculos entre os que vivem na mesma pólis³⁰. O homem é, assim, aquele que convive e se relaciona; não subsiste sozinho, mas em comunidade. Aristóteles também destaca como *télos*³¹ humano a felicidade, pois ela é "a mais desejável de todas as coisas" (ARISTÓTELES, 1991, p. 13) além de ser também "algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação" (ARISTÓTELES, 1991, p. 13). Todo homem, em todas as suas ações e artes procura a felicidade, pois é ela que torna a vida desejável. É no bem realizado pelo uso virtuoso do princípio racional sobre as faculdades da alma que se dá a felicidade, está é, portanto, a função do homem; é desta maneira que ele se realiza de forma plena.

²⁹ Animal político.

³⁰ Cidades-estados gregas.

³¹ Finalidade.

Se demonstra, assim, as bases da antropologia na tradição ocidental: homem como algo que se encontra entre a animalidade e a divindade; capaz do autodomínio e de sabedoria, que busca a felicidade e se organiza de forma política. Destaca-se que estes elementos que servirão quase como base para a ciência filosófica-antropológica, fundam-se no apoio à linguagem simbólica da mitologia grega. Ora, é dos conceitos abertos mitológicos que depois a ciência se utilizará para desenvolver seus conceitos mais fechados e definidores³². A validade do esforço científico³³ em definir o homem em seus modos de ser, não desvalida a definição aberta e ampla da linguagem mitológica, mas sim, apenas a desenvolve de forma mais objetiva.

3 Da discussão sobre sujeito e objeto

A relação do homem com os objetos dispostos na realidade inaugura a consciência deste como um ser no mundo, como um ser de relações. Reconhece-se que a mesma razão que lhe assegura a certeza de sua individualidade, mostra-se ao homem como o fator de sua distinção com aquilo visto desprovido de natureza racional. Ainda que se revele certo que o homem é um ser natural e que participe de uma dinâmica instintiva próxima a alguns animais, prontamente, é a capacidade racional que estabelece o pensamento como distintivo hierárquico, e que faz do humano soberano sobre os elementos do mundo. Deste modo, formaliza-se a conversão das coisas em dados práticos sob o domínio racional. O exercício característico das ciências naturais expressa essa conversão nas distintas descrições lançadas sobre um objeto.

³² Basta notar a psicanálise freudiana que, mais tarde, recorrerá à mitologia de Édipo Rei.

³³ Científico aqui se entende como filosofia e demais ciências hoje desenvolvidas, que estudam de forma direta ou indireta o homem, como medicina, biologia, sociologia, educação física, psicologia e etc.

Certamente, o sujeito mostra-se dotado das condições precisas à interpretação da realidade que o circunda. Não apenas se utiliza da capacidade reflexiva como também se deposita sobre a materialidade dos objetos. Neste processo, importa notar, a ação humana alia-se à modificação exercida sobre a natureza dos objetos. Pode-se compreender que a transformação potencializada pelo agir humano bem delinea a distinção entre o que é passível de apropriação (os objetos) e o que é definido como agente de toda a atividade (o homem)³⁴. Contudo, parece que a intenção humana não se prende unicamente à manutenção e promoção desta distinção. Quer dizer, o esforço do intelecto estende-se na superação de uma fronteira existente entre consciência e coisa. Para tal, a ação racional promete a *desmistificação*³⁵ do mundo, assim o fazendo conhecido e coerente dentro de um padrão³⁶.

No entanto, observa-se um fenômeno anterior a qualquer descrição racional sobre o mundo: a originária *consciência de ser*³⁷. Isto permite considerar que a mais autêntica consciência origina-se na percepção humana da própria individualidade. A citada apreensão poderia prontamente ser comparada a um movimento instintivo, a dizer, de uma ação desinteressada que o homem lança sobre si mesmo. Porém, há uma intenção humana inscrita sobre essa conduta e que a priva de uma completa animalidade.

Chega-se ao seguinte problema, o emprego da razão no desvendamento da realidade sempre esteve acompanhado pelo desconhecimento de quem é o próprio sujeito. Desta dificuldade depende o progresso das ciências humanas, em encontrar no indivíduo o seu objeto

³⁴ A distinção entre sujeito e objeto indica um pressuposto fundamental para a investigação epistemológica.

³⁵ Assim o faz desconsiderando noções subjetivas desprovidas de um valor científico.

³⁶ Desta maneira, uma proposição formulada sobre o objeto será considerada conhecimento, desde que, submetida a um padrão lógico-racional.

³⁷ Neste estudo, a *consciência de ser* denomina a percepção humana acerca da própria individualidade.

de questionamento. Não reduzido às instâncias do instinto, o ser humano destaca-se dos outros seres, porque capaz de indagar sobre sua natureza e fazer de si mesmo um problema (ZILLES, 2011).

4 Entre o ser racional e o ser simbólico

A resolução do problema assente sobre a natureza humana tende a distanciar-se de formulações estritamente científicas, visto que a razão não corresponde à dimensão única do ser e, tampouco, à integralidade dos processos que regulam sua dinâmica psicofísica. Desse modo, as explicações dizem-se suficientes quando contemplam uma esfera³⁸ específica da condição humana. Confirmado isso, configura-se um equívoco outorgar à noção de *ser racional* a única nomenclatura válida. Encontrando essa concepção especialmente na filosofia de René Descartes³⁹, vê-se que o “erro do racionalismo consistiu em identificar a natureza do homem com a razão, quando a razão é apenas um aspecto particular do todo humano” (MENDONÇA, 1991, p. 189).

Assim sendo, as conclusões cartesianas depositadas sobre a identidade humana necessariamente têm como origem o próprio ser pensante. De tal maneira, legitimar somente a certeza racional, apresenta a exigência de uma confiança do ‘homem no próprio homem’. Precisa-se reconhecer no humano uma busca fundamental que o leva à interpelação de si mesmo. Todavia, esta interpelação declara a ausência de caracteres lógicos e critérios metodológicos, posto que se desenvolve na liberdade de

³⁸ São diversas as ciências que se comprometem ao estudo do homem; contudo, fazendo-o de maneira fragmentária. Dificilmente chega-se a um denominador comum quanto à totalidade do ser humano. As descrições seguidas deste estudo aplicam-se conforme delimitações de uma esfera tão somente biológica, por exemplo. Constam outras dimensões sobre as quais o sujeito pode ser visualizado, a dizer racional, física, social entre outras.

³⁹ O pensamento de René Descartes (1596-1650) firma-se sobre a determinação de que o ‘eu pensante’ indica a realidade racional como alicerce da certeza sensível.

uma atitude reflexiva. Dito isso, “mesmo que conseguíssemos coletar e combinar todos os dados, teríamos ainda uma imagem pobre e fragmentária - um mero esboço - da natureza humana” (CASSIRER, 1997, p. 11). A presente pesquisa defende a impossibilidade de um conceito suficiente sobre o homem, dado que é precisamente na própria conduta reflexiva, circunscrita à consciência individual, onde se exprime a originalidade do humano.

São inegáveis as contribuições do progresso científico sobre a atividade humana; porém não é a estes recursos que o indivíduo recorre quando busca pela consolidação de sua presença no mundo. Cabe notar que a construção de sistemas elucidativos, acerca da realidade, não constitui a intenção pela qual se orienta a conduta humana. Para compreender a qualidade desta intenção, recorre-se ao pensamento pré-socrático. O esforço humano na compreensão do universo, sobretudo na determinação de um princípio gerador pelo qual todos os elementos do mundo natural derivariam, caracterizou essa concepção⁴⁰.

A busca por uma substância, a fundamentar a existência de todo o cosmos, poderia oferecer a essa doutrina o *status* de uma ciência primitiva. Contudo, as investigações promovidas pelos pré-socráticos não se restringem a uma reflexão de seguimento essencialmente cosmológico. Para o filósofo Cassirer, “a questão da origem do mundo está inextricavelmente entrelaçada com a questão da origem do homem” (1997, p. 13). Quer dizer, apresentam-se porquês para que se denomine antropológica a filosofia pré-socrática.

Nessas asserções, as explicações de perspectiva mitológica possuem semelhante ajuste. Portanto, mostra-se relevante priorizar o recurso da

⁴⁰ Como principal representante desta corrente de pensamento, destaca-se Tales de Mileto (nascido aproximadamente em 625 a.C.). De acordo com sua teoria, a água corresponderia à substância primordial na constituição do universo.

linguagem mítica no que consta ao estudo do próprio ser humano. Se por um lado pensa-se que os mitos consistem em descrições simbólicas dos fenômenos humanos, por outro se percebe que derivam de um posicionamento humano frente o mundo. Na presente pesquisa, pretende-se reconhecer que a intenção primeira não se limita no estabelecimento de enunciados sistemáticos sobre a natureza.

Segue-se que toda a crença figurada sob uma narrativa simbólica parte de um questionamento, por sua vez, relacionado à consciência do homem como um existente no universo. Constata-se que, quando associado às civilizações antigas, este questionamento também se depositava sobre uma consciência comunitária. Disto se atribui a origem de mitos ligados à formação de um povo ou acerca das circunstâncias operantes sobre a vida de antigas culturas.

Desta forma, parece claro que toda a construção mítica se assenta sobre o meio natural no qual o indivíduo mantém relação e contato. Os elementos presentes em tais narrativas dotam-se de referências sensíveis a sua formulação. Pode-se considerar que a exigência para a elaboração de um mito resulta dos limites de uma explicação racional para o fenômeno observado. Nesse sentido, a crença inscrita em um mito representa ser a aproximação do homem ao que é desconhecido a sua racionalidade. Assim, registra-se na linguagem simbólica⁴¹ o reflexo dos limites da própria razão.

Não se pretende classificar o pensamento metafísico como alternativa possível a um conhecimento. Tampouco o indicar como interpretação aproximativa de uma realidade percebida. Primeiramente, encontra-se nessa linguagem o desprendimento da fronteira física imposta pela materialidade dos objetos; bem como o descompromisso em comprovar por meio da experiência a veracidade de dadas descrições. Na

⁴¹ Neste estudo, o termo 'linguagem simbólica' corresponde ao pensamento metafísico.

verdade, a utilização de tais narrativas liga-se ao âmbito do saber possível, donde se expressa a soberania do pensamento metafísico. Desse modo, o emprego histórico de narrativas mitológicas distancia-se de representar a ingenuidade do humano frente o desconhecido; porém espontaneamente o caracteriza como um ser simbólico e necessário de meios que, assim, possam significar sua experiência.

5 Sobre as contribuições ao pensamento antropológico

Das discussões apresentadas e que permitem reconhecer o homem como possível objeto de questionamento, assinala-se que há um sujeito capaz de pensar sobre si mesmo. A filosofia e reflexão de viés antropológico consolida-se nessas condições. Nesse sentido, trata-se de um pensamento que não se efetiva a partir de métodos preestabelecidos ou dentro de um campo de prováveis comprovações. Assim dito, a análise promovida pela antropologia alcança distintos momentos e elementos da história humana. É necessário saber que o sujeito promotor deste estudo permanece o ser humano e que o conhecimento de si mesmo permanece a mais alta indagação filosófica reconhecida (CASSIRER, 1997). Desta maneira, conservam-se as mesmas questões, a confirmar basilares, porque são sempre referentes a sua posição no universo.

A primordialidade de uma investigação fixada sobre o ser, ainda se configura marca de um desejo humano pelo saber. Neste ponto, as composições científicas e simbólicas, apesar de percorrerem distintas vias, findam no esclarecimento da realidade e de todo o existente. Todavia, considerando a neutralidade defendida pela atividade científica entre sujeito e objeto, o estudo do homem pelo próprio homem⁴² pode parecer

⁴² Confirma-se uma alusão à antropologia.

comprometido quanto à aquisição de um dado seguro e objetivo. Contudo, para se pensar sobre o humano não se faz preciso propor limites à prática do sujeito, aquele que pergunta sobre si mesmo. Na verdade, na mesma atitude reflexiva, a antropologia emerge a subjetividade humana (VAZ, 1991). Refere-se a uma subjetividade expressa sob distintos elementos, a configurar como culturais, donde se destaca o estudo direcionado sobre as narrativas construídas pelas civilizações, tais como aquelas indicadas pela mitologia grega.

Nestas colocações, e como anteriormente discutido, o pensamento legado pela filosofia clássica apresenta contribuições necessárias à investigação antropológica, a declarar a postura de um ser humano que, em distintos períodos da história, examina as condições de sua existência (CASSIRER, 1997). O exame depositado sobre o humano indica-se inesgotável, dado que as manifestações humanas não deixam de refletir sobre autênticos problemas humanos⁴³. Tais questões não podem ser ignoradas pelo homem, porque a ele mostram-se indissociáveis de sua individualidade. O esforço de atribuir sentido e explicação ao que se denota como mistério e, por vezes, obstáculo à segurança do homem confirma a originalidade da reflexão humana.

Considerações finais

As discussões permitidas pelo presente estudo foram baseadas na exposição e análise da temática proposta, a dizer, das relações encontradas entre a linguagem científica e simbólica. Assim posto, algumas das relações confirmadas pareceram indicar a discordância existente entre uma visão

⁴³ O fenômeno da morte, a possibilidade do conhecimento, o alcance da linguagem, por exemplo, são questões que permanecem centrais na discussão da filosofia antropológica.

assegurada pela ciência e outra disposta pelo discurso mitológico. Nada obstante, o referente estudo reconheceu a intenção primeira posta sobre todo exercício humano. Desta forma, o proceder reservado às descrições objetivas, acerca do mundo natural, também cumprem a resolução de questionamentos humanos; porém o realizam em detrimento de um fator subjetivo. Desse modo, recorrendo a episódios da mitologia grega, a pesquisa destacou que as formas de linguagem em destaque visam o esclarecimento de fenômenos pertinentes à vivência humana.

Percebe-se que tanto o esforço racional no estabelecimento de conceitos sobre a realidade quanto a composição de explicações mitológicas sobre o mundo carregam um limite natural. A linguagem simbólica, no que lhe importa, expressa a consciência do limite racional e, portanto, apoia-se em princípios de conformidade metafísica. Nota-se que esta linguagem não invalida pressupostos físicos e naturais, mas os significa. Prova-se um desacerto superestimar as capacidades da razão e, ao mesmo tempo, desconsiderar as fronteiras impostas a ela. Com isso, permite-se pensar uma atividade científica consciente de seus alcances sem desacreditar, no entanto, em um pensamento simbólico e significativo sobre o mundo.

Nestas considerações, delinea-se a relevância deste estudo no tocante à filosofia antropológica. Neste texto, as indicações apresentadas buscam favorecer a promoção de discussões à comunidade acadêmica. De forma semelhante, as leituras e argumentações precedentes à conclusão deste escrito permitiram reconhecer a abrangência da temática abordada, próximo de suscitar novas referências ao enriquecimento desta análise.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991. ISBN 85-13-00214-3. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/%C3%89tica-a-Nic%C3%B4maco.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EURÍPEDES. **As bacantes**. Disponível em: http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos_da_filosofia/as_bacantes.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

HOMERO. **A ilíada**. Tradução de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint Ltda, [195-?]. (Coleção universidade).

MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia**. 10 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e Anti-Humanismos**: Introdução à Antropologia Filosófica. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

PLATÃO. **Diálogos**: O banquete - Fédon - Sofista - Político. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1972. Disponível em: <https://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

SÓFOCLES. **Antígone**. Tradução de J. B. de Mello Souza. eBooksBrasil.com., 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/antigone.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica I**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção filosofia).

ZILLES, Urbano. **Antropologia teológica**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção estudos antropológicos).